

R A E

REFLEXÕES
PARA A AÇÃO
EDUCATIVA

**Educar na
caminhada**



JESUITAS
CONFERENCIA DE PROVINCIALES EN
AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE - CPAL

Educar na caminhada

Construir sociedades justas,
sustentáveis, reconciliadas e
em paz





Índice de conteúdos

- 4** **Introdução**
- 12** **Desafiados pelo Contexto**
- 14** **O âmbito pessoal**
- 16** **O âmbito comunitário**
- 18** **O âmbito social**
- 20** **O âmbito ambiental**
- 23** **Educar para uma humanidade renovada**
- 31** **Cuidando da Nossa Casa Comum**
- 34** **Valorizando a Diversidade Cultural e Promovendo a Interculturalidade**

Introdução

Todas as obras da Companhia de Jesus são educativas.

Todos nós que trabalhamos nelas somos educadores, porque em nosso trabalho formamos pessoas, construímos comunidades e colaboramos na transformação das sociedades. A educação acontece nas escolas e universidades, mas não apenas nelas. Paróquias; trabalho comunitário com povos indígenas e migrantes; emissoras de rádio — tudo isso educa no sentido mais amplo e profundo da palavra. A educação é algo que acontece ao longo da vida — do berço ao túmulo — e em toda a amplitude da vida, em todos os espaços onde os seres humanos se desenvolvem.

2 Este documento destina-se a todos que trabalham em todas as obras da Companhia de Jesus na América Latina. Ele aborda a educação e visa inspirar o trabalho educativo de cada um deles, partindo do princípio de que todos são educadores. No entanto, o documento não pretende ser programático, nem oferecer recomendações concretas, muito menos fórmulas. A diversidade de contextos em que esses projetos estão inseridos, as populações que atendem, os objetivos que perseguem e as atividades que realizam tornam esse propósito irrelevante. Em vez disso, o objetivo é que as ideias aqui apresentadas sirvam como ponto de partida para que cada projeto, após a leitura deste documento, dialogue e reflita sobre seu próprio trabalho, revise o componente educacional de suas atividades, imbuia seus propósitos e atividades com uma intenção educativa e desenvolva suas próprias propostas com base no que foi apresentado.

3 As Preferências Apostólicas Universais (PAU) promulgadas pela Companhia de Jesus para o período 2019-2029 são essencialmente um apelo a uma orientação educativa para o nosso trabalho:

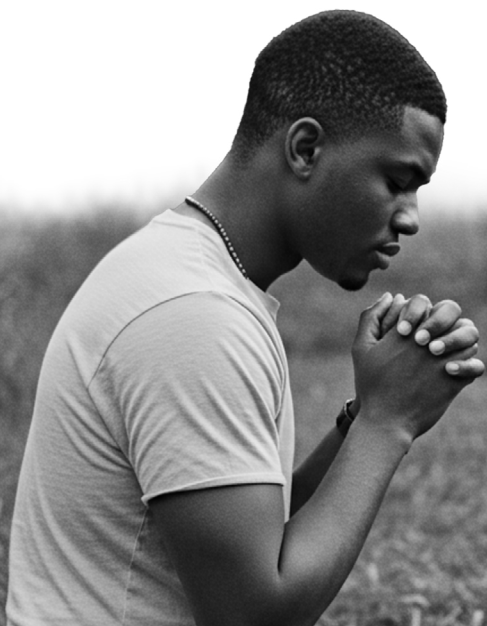
A PAU 1, “mostrar o caminho de Deus através de exercícios espirituais e discernimento”, convida-nos a colocar a pessoa no centro e a lutar pela sua formação integral e pela sua relação com a transcendência.

A PAU 2, “caminhar ao lado dos pobres, dos marginalizados, daqueles cuja dignidade foi violada, numa missão de reconciliação e justiça”, leva-nos a orientar a nossa ação educativa para o combate à injustiça e à polarização, com atenção preferencial àqueles que as sofrem.

A PAU 3, “acompanhar os jovens na construção de um futuro esperançoso”, ilumina o trabalho de todas as nossas instituições para que possamos formar jovens capazes de construir a paz e a justiça com otimismo e entusiasmo.

A PAU 4, “colaborar no cuidado da nossa casa comum”, exige-nos também que eduquemos para a sustentabilidade face aos desafios, a uma das maiores crises que ameaçam todo o planeta e nossos ambientes específicos¹.

1. Companhia de Jesus. Preferências Apostólicas Universais. <https://www.jesuits.global/es/uap/introduccion/>



4 O Projeto Apostólico Comum (PAC) da CPAL tem como uma de suas prioridades apostólicas:

“Contribuir para garantir que a educação e a formação de indivíduos e comunidades – especialmente crianças, adolescentes e jovens – promovam sempre o seu desenvolvimento pessoal e social integral, a sua criatividade, a sua educação ética e cívica e a sua responsabilidade ecológica integral (cuidado com a Casa comum)².”

2. Projeto Apostólico Comum da Conferência dos Provinciais da América Latina (PAC 2021–2027) – Prioridade Apostólica nº 3: Formação Integral. Maio de 2021.



5 Seguindo os 4 Cs da pedagogia inaciana, priorizamos quatro áreas de ação nas quais a educação desempenha um papel fundamental:

1. Educação humanizadora voltada para o estabelecimento da justiça social, entendida como a distribuição equitativa do bem-estar (compassiva);
2. O reconhecimento da riqueza de nossa diversidade e a abordagem intercultural de nossa educação (consciente);
3. A formação de pessoas e comunidades que cuidam e restauram a casa comum e a promoção de formas alternativas de produção e consumo que respeitem a casa comum (competente);
4. A formação da cidadania para a plena realização da democracia, entendida como um modo de vida, bem como a promoção da paz como consequência da justiça, alcançada por meio da reconciliação e da gestão adequada de conflitos (comprometida).



6. Fazemos parte de uma
grande missão educativa capaz
de transformar o mundo.



Em nosso trabalho, contribuimos para a formação de indivíduos com um profundo senso de humanidade e um compromisso com a transformação das realidades violentas, injustas e predatórias de nossa Casa Comum. Fazemos isso por meio de nossas diversas atividades, da maneira como interagimos e dos tipos de relacionamentos que cultivamos, dos temas que debatemos e do desenvolvimento de nossos planos com propósitos formativos e transformadores claros. Em escolas e universidades, traçamos percursos de aprendizagem e criamos oportunidades de crescimento em cada um desses ambientes. Fazemos o mesmo, ainda que de maneira diferente, em paróquias que visam o crescimento espiritual de seus paroquianos e a construção da Igreja desde a base. Em projetos de desenvolvimento comunitário e educação popular com setores marginalizados e vulneráveis, esses propósitos formativos se concretizam nos processos transformadores empreendidos pelas próprias comunidades. Nosso trabalho por meio da mídia, revistas e rádio também visa educar nosso público sobre os problemas ambientais e a abordagem humanista que esses trabalhos trazem para contribuir com sua solução.



A ação educativa à qual nos referimos é aquela que respeita o indivíduo e sua cultura; Uma educação que fomenta o crescimento da autonomia e do pensamento crítico, e que fundamenta e cultiva o sentido da vida para cada ser humano; uma educação que utiliza o diálogo como principal método educativo e prioriza a reflexão sobre a ação e para agir. No ato educativo, como o entendemos, a aprendizagem é multifacetada: na interação educativa, todos aprendem uns com os outros. É uma ação educativa que coloca o indivíduo no centro e assegura o seu bem-estar e desenvolvimento em conjunto com os outros. É um esforço educativo que traz esperança porque rejeita as realidades injustas, violentas e predatórias da nossa casa comum, realidades que desrespeitam a nossa diversidade e que são discriminatórias e racistas. Em vez disso, educa semeando o oposto: humanismo, justiça, paz, sustentabilidade e compreensão intercultural. A vocação original e duradoura da Companhia de Jesus é educar, e este esforço educativo procura remediar e demonstrar que é, de facto, possível superar o abismo da desigualdade social e as barreiras da exclusão construídas ao longo dos séculos. Construir pontes (Congregação Geral 35) e trabalhar pela reconciliação e justiça (Congregação Geral 36) são expressões contemporâneas desta vocação original.

3. Companhia de Jesus (2008). Congregação Geral 35. www.sjweb.info/35/gc35_docs/CG35_21_02_2008_2_esp.pdf

4. Companhia de Jesus. (2016). Congregação Geral 36. infosj.es/documentos/category/4-congregacion-general-36



8 A rica tradição pedagógica da Companhia, inspirada na espiritualidade inaciana, continua a oferecer valiosas contribuições para as transformações educacionais de que precisamos hoje, incluindo: i) **"O Princípio e o Fundamento"**, como um caminho ético e espiritual que dá sentido ao projeto de vida de cada pessoa. Este caminho centra-se na natureza própria da relação entre os seres humanos e todas as outras criaturas do universo. "Os seres humanos foram criados para louvar, venerar e servir a Deus, nosso Senhor", a fim de cocriar com o seu Criador um projeto de vida baseado na justiça, na paz, na liberdade, no bem-estar e em todos os valores que fomentam relações fraternas entre todas as criaturas, filhas do mesmo Criador. ii) **"Discernimento"**, que começa com o reconhecimento do contexto, dos seus desafios e das suas possibilidades. O discernimento dirige-se à tomada de decisões e à construção de alternativas com a convicção de oferecer o maior amor que cada ser humano possa "sentir e experimentar", para o crescimento da liberdade, da justiça, da verdade e do bem maior que o Criador nos convida constantemente a buscar. Para discernir bem, é preciso estar preparado. iii) **"Cuidado pessoal"**: busca o cuidado integral de cada pessoa por meio do acompanhamento e da escuta, reconhecendo sua singularidade e potencial. O objetivo é o crescimento pessoal da mente, do corpo, do coração e do espírito de cada indivíduo. Este valor busca a formação e o aprendizado responsável de cada pessoa para o seu crescimento integral, o fortalecimento do seu serviço ao próximo e a sua capacidade de responder livremente à vontade de Deus.

9 De uma perspectiva evangélica, educamos para proclamar o Reino de Deus, formando pessoas integralmente, incentivando a construção de comunidades e contribuindo para a transformação de estruturas injustas, aprendendo a enxergar a complexa realidade em que vivemos com os olhos da fé.

10 A educação é um instrumento poderoso. Apoiamos o desenvolvimento dos indivíduos e, por meio disso, o fortalecimento e a construção de comunidades. Indivíduos educados e comunidades organizadas, por sua vez, fomentam e impulsionam a transformação social rumo a realidades mais humanas que respeitem e valorizem a diversidade cultural, os direitos humanos e as responsabilidades cívicas; rumo a sociedades mais pacíficas, justas e sustentáveis. Esta é a nossa teoria da mudança. É nisso que acreditamos e a isso dedicamos nossas vidas. Convidamos você a aproveitar todo o potencial da educação para que todos os nossos esforços contribuam para esta missão, buscando enriquecer, dia após dia, o significado e o propósito da educação.



Desafiados pelo Contexto

11 Nosso trabalho educacional na América Latina e no Caribe é desafiado pelos grandes desafios do contexto atual e deve respondê-los como um compromisso com nosso povo, que vivenciou uma crise social histórica e profunda. Essa crise — exacerbada hoje pelos efeitos adversos da pandemia pós-COVID-19, pelas guerras no Oriente Médio e na Europa Oriental e pela busca por uma nova ordem geopolítica — deu origem a dinâmicas de violência, desesperança e frustração; uma perda de sentido na vida e uma crise espiritual que põe em risco a integridade pessoal e a vida comunitária.



Essa crise de sentido é particularmente aguda entre aqueles que são vítimas da pobreza, da violência e da discriminação, mas especialmente entre jovens, mulheres, comunidades indígenas, camponesas e negras, grupos com diversidade de gênero e milhões de migrantes.

Essencialmente, a crise se manifesta na ruptura da solidariedade, da fraternidade, da compaixão, da caridade e da convivência.

Em resposta, nosso povo demonstrou enorme resiliência, grande capacidade de resistência, juntamente com importantes testemunhos de que outras formas de estar no mundo com os outros são possíveis.

12 Em resposta, nosso povo demonstrou enorme resiliência, grande capacidade de resistência, juntamente com importantes testemunhos de que outras formas de estar no mundo com os outros são possíveis.

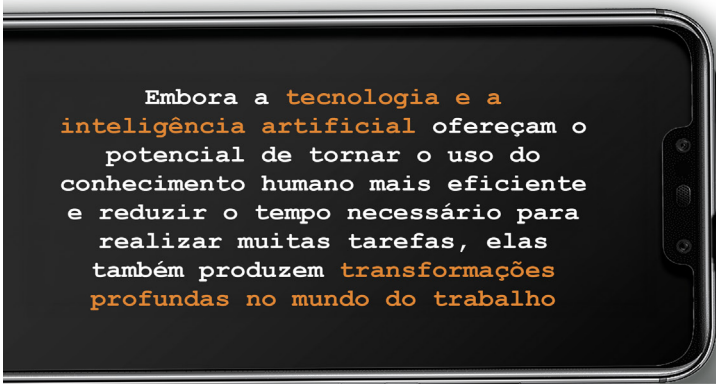


O âmbito pessoal

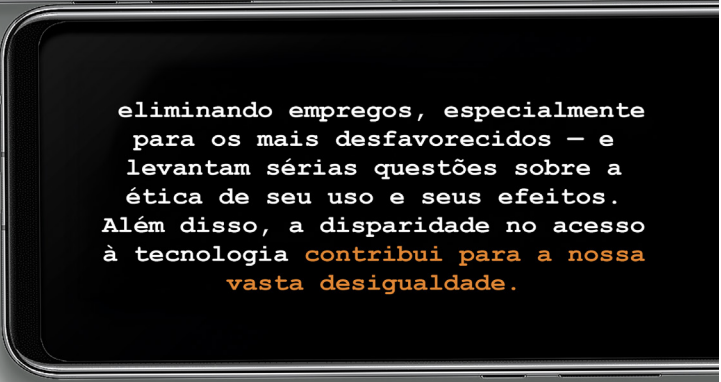
13 Em nível pessoal, um dos desafios é a desumanização, que acarreta uma crise social, uma crise de sentido da vida e um vazio espiritual. Em resposta a isso, **uma tarefa prioritária dos processos educativos na Companhia de Jesus é trabalhar a interação entre a diversidade cultural e as múltiplas denominações religiosas e crenças filosóficas. É necessário passar de uma compreensão que vê a diversidade (de pessoas, culturas, crenças, etnias ou filosofias) como um problema, para uma que a valorize e a conceba como um trunfo e uma fonte de enriquecimento.**

14 Pedagogicamente, a diversidade exige uma **atitude constante de abertura e escuta** a diferentes modos de conhecer, a outras formas de saber, a outras maneiras de aprender. Isso implica fomentar um diálogo respeitoso e equitativo entre diferentes formas de conhecimento e modos de conhecer, bem como a utilização de outras pedagogias. Isso se traduz em justiça e diálogo epistemológico.

15 As rápidas mudanças nas tecnologias de informação e comunicação — bem como sua produção e controle por poucos — estão transformando múltiplos aspectos de nossas vidas. Hoje estamos mais interconectados do que nunca, mas a qualidade do conteúdo comunicado, as notícias falsas que geram distorção e desconfiança, e os conflitos vivenciados nas redes sociais criam novos cenários de polarização, segregação e violência.



Embora a tecnologia e a inteligência artificial ofereçam o potencial de tornar o uso do conhecimento humano mais eficiente e reduzir o tempo necessário para realizar muitas tarefas, elas também produzem transformações profundas no mundo do trabalho



eliminando empregos, especialmente para os mais desfavorecidos — e levantam sérias questões sobre a ética de seu uso e seus efeitos. Além disso, a disparidade no acesso à tecnologia contribui para a nossa vasta desigualdade.

16 Desde la perspectiva pedagógica, hemos de trabajar el desarrollo de la criticidad frente a estas tecnologías de forma tal que logremos distinguir entre la información verdadera y la falsa, así como entre el uso ético y el uso manipulador e impositivo de las tecnologías. A la vez, hemos de reconocer las grandes oportunidades que la tecnología nos ofrece, y abrirnos a investigar sobre ellas y aprovecharlas como instrumentos para el cumplimiento de nuestros propósitos.

O âmbito comunitário

17 No âmbito comunitário, é preciso reconhecer que nossa região é culturalmente diversa, em grande parte graças aos seus povos indígenas, afrodescendentes e ancestrais⁶; essa diversidade é a nossa riqueza. Contudo, esses povos permanecem em condições de marginalização e pobreza; seus vastos conhecimentos e potenciais contribuições para os problemas mencionados foram silenciados, e muitos desapareceram. **A educação é um meio propício para reconhecer e amplificar as vozes dos silenciados, para lutar por justiça epistêmica e para tornar evidente o que as dinâmicas sociais tornaram invisível.**

6. O termo "povos originários" refere-se a grupos humanos descendentes de culturas pré-colombianas que mantiveram suas características culturais e sociais, a maioria deles com sua própria língua.



18 O reconhecimento de outras formas de conhecimento e visões de mundo abre portas para a inovação na formulação de visões alternativas de vida e para a construção de projetos comunitários e sociais de emancipação. **Essa tarefa exige uma pedagogia de cooperação, confiança e solidariedade, essencial para lidar com tensões conflituosas e contribuir para a formação de construtores da interculturalidade e da paz.**

19 Nessa perspectiva, também é necessário abordar a dimensão de gênero com uma nova sensibilidade, superando as relações estabelecidas por um legado patriarcal. Somos convidados à inauguração de novas relações fraternas e de apoio que reconheçam, deem visibilidade e respeitem os direitos das mulheres, orientadas para a igualdade substancial e sua emancipação. Para que essa igualdade seja real, **é necessário resgatar, por meio de nossos esforços educativos, a história das mulheres e seus saberes, a ética do cuidado, bem como o respeito ao seu trabalho e às suas lutas de classe e raciais; e, igualmente, compartilhar e valorizar suas contribuições para a construção da sociedade e de comunidades diversas.**





O âmbito social

20 Na dimensão social mais ampla, um desafio fundamental reside no fato de que nossa região é a mais desigual do mundo; portanto, é a que apresenta a maior injustiça social. A desigualdade é a causa da pobreza em que vive aproximadamente metade da população. É também a causa de uma parcela significativa das migrações forçadas dos mais vulneráveis e excluídos.

21 A região da América Latina e do Caribe também é a mais violenta do mundo. A violência e a desigualdade são consequências da falta de justiça social, mas também exacerbam a desigualdade, afetando desproporcionalmente os setores mais vulneráveis da sociedade. Não há violação maior dos direitos humanos do que quando vidas humanas são colocadas em perigo pelo Estado. Em muitos países, surgiram “governos” paralelos, que assumem o controle de territórios inteiros e tornam ineficazes os mecanismos de segurança interna.

22 Na esfera política, observa-se uma tendência preocupante em nossas nações: um crescente desencanto com a democracia, com sua restrição aos processos eleitorais, e o conseqüente risco de autoritarismo, por vezes matizado por populismo messiânico. Esse desencanto com a democracia põe em questão a legitimidade do Estado e gera polarização entre os cidadãos. Podemos afirmar que a falta de justiça e paz é conseqüência da crise do modelo econômico e da incapacidade dos Estados eleitos em contextos democráticos frágeis. Portanto, a educação para a democracia e a cidadania responsável são essenciais.

23 Pedagogicamente, esses desafios exigem que trabalhem, por meio da educação, na conscientização sobre os problemas que nos afetam e à humanidade, despertando um espírito crítico que fomenta a compreensão de suas causas e conseqüências, e cultivando a criatividade para encontrar maneiras de combatê-los ou de influenciar ou pressionar as decisões políticas a fim de reverter tendências nocivas e preocupantes. O papel das universidades e dos centros de pesquisa é fundamental nesse processo, assim como sua responsabilidade pela ampla disseminação do conhecimento gerado, para que o que se sabe sobre as causas e conseqüências dos problemas, bem como os caminhos para sua mitigação ou solução, seja democratizado.



O âmbito ambiental

24 O grande desafio da ameaça iminente ao planeta devido à perda acelerada de biodiversidade e à consequente crise climática merece atenção especial. Ambos os fenômenos são produto da atividade humana no planeta. Tanto o PAU 4 quanto a encíclica Laudato Si' do Papa Francisco enfatizam nossa responsabilidade, como seres humanos e como cristãos, de cuidar de nossa casa comum. Como educadores, essa responsabilidade se estende a contribuir para a formação daqueles com quem e para quem trabalhamos, para que eles, por sua vez, possam fazer o mesmo.

25 Por meio de nossos esforços educativos, colaboramos na formação de seres humanos dispostos a mudar seus hábitos de produção; a consumir de forma responsável — energia, água, alimentos — e a gerenciar o descarte de resíduos. Seres humanos sensíveis, preparados e competentes, capazes de restaurar, recuperar e curar ecossistemas; capazes de deixar de colocar em risco a sobrevivência daqueles que não conhecemos e daqueles que ainda não nasceram.



Em

resumo

26 Do ponto de vista educacional do nosso trabalho, promovemos o desenvolvimento humano integral de indivíduos que respeitam toda a diversidade: cultural, religiosa, de gênero, geracional, ideológica e política. Incentivamos a experiência de enriquecimento pessoal derivada da interação com pessoas diferentes, com visões de mundo, sabedorias e conhecimentos diversos. **Buscamos contribuir para a formação de indivíduos e fortalecer e construir comunidades capazes de transformar a discriminação, a exclusão, a injustiça, a violência e a degradação ambiental, bem como explorar formas mais humanas de se relacionar com a transcendência, com a natureza e uns com os outros.**




Como respondemos
a esses desafios por
meio da educação?⁷

7. Faz-se referência à educação formal, não formal e informal que cada obra promove, de acordo com a sua natureza

Educar para uma humanidade renovada

27 Santo Inácio propõe o “Princípio e Fundamento” como um caminho ético e espiritual para dar sentido ao nosso projeto de vida⁸. Esse caminho revela o “dever ser” da relação entre os seres humanos e as outras criaturas do universo. “Os seres humanos foram criados para louvar, reverenciar e servir a Deus, nosso Senhor”, a fim de compartilhar a vida com seu Criador e cocriar com Ele um projeto pessoal e comunitário em justiça, fraternidade, liberdade e paz.

28 Os processos pedagógicos que norteiam as obras da Companhia de Jesus enfrentam o desafio de gerar **aprendizado sobre como vivenciar o discernimento**. A espiritualidade inaciana nos convida à prática do discernimento, que começa com o reconhecimento e a análise rigorosa da realidade.



O discernimento é direcionado à tomada de decisões para responder aos desafios do nosso contexto, com a convicção de oferecer o maior amor que cada ser humano possa “sentir e experimentar”. O bom discernimento contribui para o crescimento da liberdade, da justiça, da verdade e do “bem maior” que o Criador nos convida constantemente a buscar.

8. Exercícios Espirituais (E.E.) N° 23.

29 O *cuidado pessoal*, esse acompanhamento de sincera preocupação com o outro, considerando-o em todas as suas dimensões, é o caminho para alcançarmos juntos os objetivos de um crescimento cada vez maior e de nos aproximarmos daquilo que o próprio Deus pede a cada um de nós, tanto pessoal quanto comunitariamente.

30 A *educação inaciana* coloca a pessoa no centro; é profundamente humanista. Busca assegurar que conheçamos as pessoas com quem trabalhamos e a quem servimos, pois cada uma é única e insubstituível. Devemos lutar por sua formação integral, que começa por fomentar sua autoestima, autonomia e bem-estar emocional e afetivo. Em particular, estamos comprometidos com sua formação cognitiva, ética, ecológica, política, religiosa e espiritual. Devemos buscar o desenvolvimento de personalidades livres com valores humanos, com capacidade de indignação diante da injustiça e do comportamento violento e predatório, e com senso de responsabilidade cívica e espírito crítico.

31 Enquanto para Santo Inácio o humanismo se centra na pessoa e em seus relacionamentos, essa pessoa não deve ser limitada pelo seu ego, pela sua individualidade. A pessoa é "descentrada", encontra a plenitude nos outros e está a serviço de todas as criaturas da Criação. Para o humanismo cristão, as pessoas transcendem a si mesmas na vida e na história; ali elas buscam e encontram Deus, que as convida a serem cocriadoras do seu plano de amor no mundo.

32 A fé cristã propõe um humanismo encarnado na história, à semelhança do Deus humano em Jesus. Portanto, o humanismo cristão começa com e entre as pessoas mais pobres e marginalizadas do mundo. Elas são vítimas da injustiça, da desigualdade e das violações dos direitos humanos; a elas foi negada a oportunidade de viver com dignidade, de bem-estar ou com dignidade. Dessa forma, o humanismo cristão promove a visão de um outro mundo possível, porque uma globalização da solidariedade, da justiça e da paz é possível.

33 Hoje, o humanismo cristão, presente na educação jesuíta, enfrenta um de seus maiores desafios: superar o antropocentrismo, fundamento de sistemas políticos autoritários e messiânicos disfarçados de democracia. A esse respeito, o Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, afirma:

"O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais fraternos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade... o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ele engana. Faz-nos crer que tudo consiste em dar rédea solta às nossas próprias ambições, como se, acumulando segurança individual, pudéssemos construir o bem comum⁹."

9. *Fratelli Tutti*, Nro. 105.



34 Diante da desumanização que acarreta a crise social, a falta de sentido na vida e o vazio espiritual, **uma tarefa prioritária dos processos educativos na Companhia de Jesus é trabalhar a interação entre a diversidade cultural, as múltiplas denominações religiosas e as crenças filosóficas.** Precisamos passar de uma compreensão que vê a diversidade das pessoas como um problema para uma que a conceba como um trunfo. Para que isso seja viável, é essencial gerar exercícios de diálogo, treinamento na negociação de interesses conflitantes e, portanto, o desenvolvimento de pedagogias conversacionais e baseadas no encontro, nas quais o cuidado com o outro seja priorizado em relação à competição para ver quem sabe mais ou quem chega primeiro. Aqui, a escuta é fundamental, tendo precedência sobre o julgamento, a contra-argumentação e a opinião verbal, embora estes não devam ser totalmente ausentes. Porque a discordância fortalece a democracia, abre caminho para a criatividade e diminui a tentação de acreditar que o conhecimento ou a compreensão de qualquer processo seja absoluto.



35 Os jovens são um foco prioritário para as obras da Companhia de Jesus, tanto pela sua tradição educativa como pelo apelo explícito, presente no PAU 3, para acompanhá-los nos seus processos de busca e crescimento. A juventude atual vivencia uma profunda incerteza, sobretudo devido ao futuro ameaçado pela crise global e pelas constantes mudanças na vida social e no mundo do trabalho. As formas tradicionais de experiência religiosa não os atraem nem os convencem, e não existem alternativas para o seu desenvolvimento espiritual.





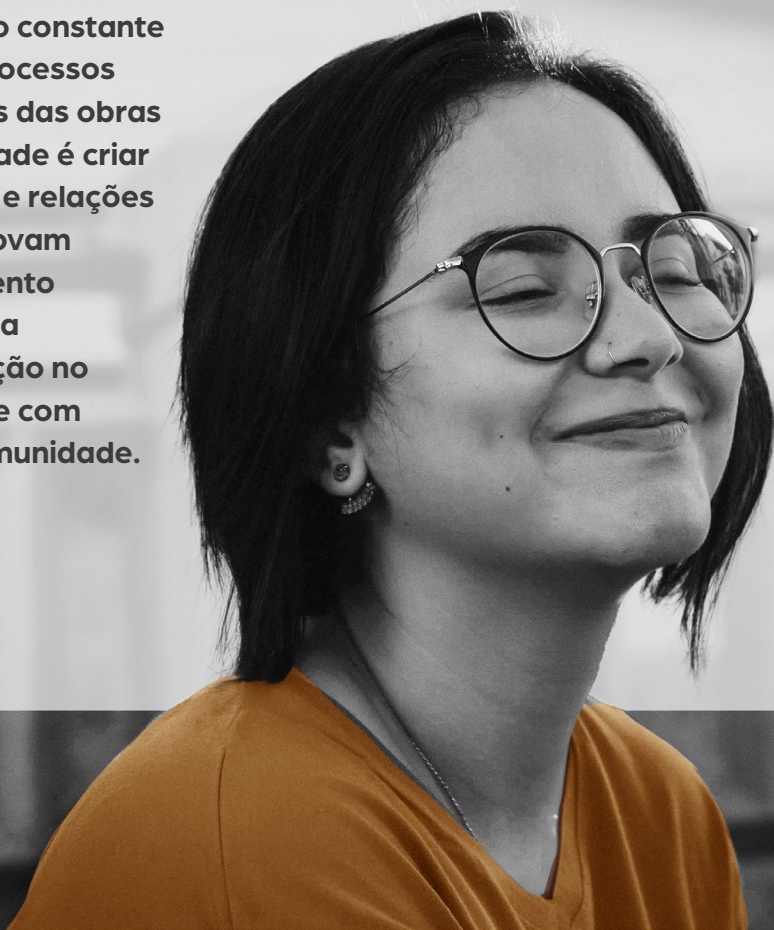
O processo de definição de identidades e valores pelo qual passam nem sempre encontra o apoio respeitoso dos adultos que os rodeiam, para a sua necessária autonomia, nem sempre encontra canais adequados para abordar as suas preocupações e problemas. As redes sociais com as quais interagem intensamente limitam as suas relações àqueles que lhes são semelhantes e isolam-nos da riqueza da diversidade. Além disso, essas redes geram desinformação e, por vezes, cyberbullying, do qual são facilmente vítimas. Em contrapartida, os jovens têm uma sede natural de conhecimento e, com uma pedagogia adequada, são capazes de desenvolver os seus talentos e cultivar um vasto leque de competências.



Eles possuem uma grande capacidade de indignação quando encontram apoio educacional que fomenta a consciência dos problemas em seus ambientes imediatos e mais amplos, o que se traduz em um compromisso com causas que os mobilizam, como o cuidado com a nossa casa comum e a luta contra a violência e a injustiça. A fase que atravessam, na qual as relações entre pares são prioritárias, é propícia ao fomento do diálogo e da abertura ao outro, bem como ao desenvolvimento do pensamento crítico e do trabalho colaborativo para o bem da comunidade e do meio ambiente. Sua necessidade de desenvolvimento espiritual pode ser atendida na medida em que estiver vinculada a atividades que respondam aos seus interesses e preocupações.

Pedagogicamente, acompanhar os jovens envolve conhecê-los e reconhecer seus pontos fortes e fracos, respeitar os processos de construção de identidades e valores, fomentar espaços de reflexão e diálogo e abrir oportunidades para o desenvolvimento de habilidades e canais para a manifestação de seu compromisso.

36 Convidamos você a trabalhar pela humanização nos diversos contextos da vida. Aprendemos a nos tornar mais ou menos humanos em nossas famílias, grupos de amigos, escolas, organizações sociais, comunidades religiosas e igrejas, locais de trabalho e online, entre outros lugares. Nesses espaços, aprendemos a conviver, resolver problemas, criar modos de vida e significado, transformar conflitos, gerar cultura, em suma, a ser seres humanos. Portanto, **um desafio constante para os processos educativos das obras da Sociedade é criar encontros e relações que promovam o crescimento humano e a humanização no cotidiano e com toda a comunidade.**



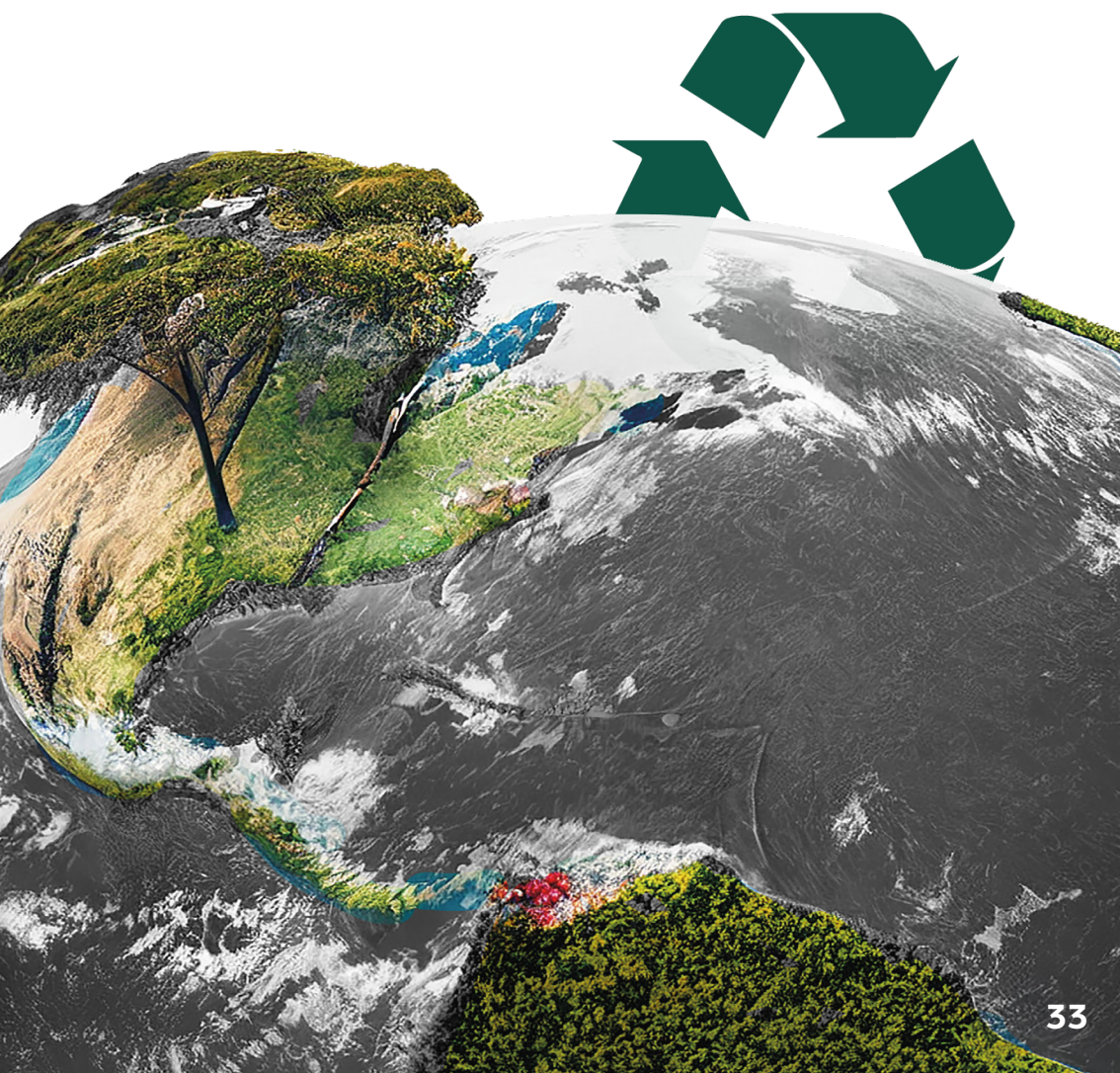
Cuidando da Nossa Casa Comum

37 Em nossa região, deixamos de cuidar da nossa casa comum. Destruímos a biodiversidade, o que levou à crise climática que fomenta desastres naturais sem precedentes, tornando-se cada vez mais causa de maior pobreza, deslocamento e migração. A degradação ambiental e a indústria extrativista estão devastando territórios importantes em nossa região. Nossos padrões de produção e consumo seguem um caminho que coloca em risco a vida no planeta.

38 A sabedoria dos povos nativos e ancestrais (comunidades camponesas indígenas, afrodescendentes e mestiças) nos ensina a reconhecer a terra como sagrada; e a nos sentirmos parte de toda a criação, e não superiores – como seres humanos – a qualquer outro ser vivo; portanto, temos a obrigação de respeitar a biodiversidade e construir comunidade.



39 Em nosso trabalho educativo, devemos colaborar ativamente na formação de seres humanos dispostos a mudar seus hábitos de produção e consumo; capazes de cessar as ações que colocam em risco a sobrevivência daqueles que não conhecemos e daqueles que ainda nascerão; capazes de se articular e se organizar como comunidades e sociedades maiores para globalizar não apenas a solidariedade, mas também a defesa do planeta. Esta é uma perspectiva que deve estar presente em nossas preocupações educativas e ações pedagógicas.



40 Todas as nossas ações educativas devem buscar intencionalmente criar condições em que, inspirados pelo Evangelho, possamos experimentar o dom da criação contemplando o Criador nela, refletir cuidadosa e criticamente sobre nosso estilo de vida e os ideais que o inspiram e impulsionam, e trabalhar juntos (colaborar) na recuperação e promoção de uma ecologia verdadeiramente integral.

A educação será ineficaz e seus esforços infrutíferos se não buscar também disseminar um novo paradigma a respeito do ser humano, da vida, da sociedade e de nossa relação com a natureza. Caso contrário, o paradigma consumista transmitido pela mídia e pelos eficientes mecanismos de mercado continuará avançando¹⁰

10. Francisco. Laudato Si. Nº 215.



Valorizando a Diversidade Cultural e Promovendo a Interculturalidade

41 “A terra não é nossa, nós somos da terra”, disse o Chefe Seattle, Duwamish de Puget Sound¹¹. A educação que idealizamos busca construir uma Terra Sem Mal, acreditando que outro mundo é possível. Essa perspectiva, tanto **como caminho quanto como horizonte dos processos educacionais, abre portas para a inovação na formulação de visões alternativas de vida e na construção de projetos comunitários e sociais de emancipação. Essa tarefa exige a construção de uma pedagogia de cooperação, confiança e solidariedade, necessárias para confrontar os conflitos inerentes às relações humanas.**

11. Carta do Chefe Seattle para todos.



42 A diversidade ou ecologia do conhecimento nos leva a buscar outras experiências, saberes e sabedorias, outras narrativas produzidas em tantos lugares da América Latina e do Caribe que servem como alavanca para a construção de comunidades para o bem comum, conforme proposto pela sabedoria e tradições dos povos indígenas e ancestrais.

43 É necessário criar condições históricas para que as culturas silenciadas sejam ouvidas, pois podem contribuir para a transformação das relações entre as pessoas e entre as pessoas e o mundo. Natureza. Projetos de construção comunitária baseados nos bens comuns, onde não existem formas de dominação, permitem a valorização do conhecimento comunitário, a transmissão de experiências e o surgimento de pedagogias alternativas que enfatizam a aprendizagem ativa e dialógica. Podem também ser um ponto de partida, um caminho e um horizonte para a desconstrução da atual matriz colonial e neocolonial, que ignora a riqueza da diversidade cultural cultivada por povos e nações.

44 O esforço para formar cidadãos que atuem de forma consciente e a partir de um lugar de diferença na construção de uma sociedade justa, equitativa, igualitária, pluralista e pacífica exige uma educação intercultural crítica que envolva o reconhecimento da diversidade, a busca por estruturas sociais baseadas nas diferenças e o enfraquecimento de concepções que discriminam, racializam, colonizam, homogeneizam e desumanizam comunidades historicamente excluídas.



45 Promovemos a formação de indivíduos que respeitam toda a diversidade: cultural, religiosa, de gênero e geracional, ideológica e política. Buscamos transformar a discriminação, a exclusão, a injustiça e a violência. Incentivamos a vivência do enriquecimento pessoal que advém da conexão com diferentes pessoas e diversas visões de mundo, sabedoria e conhecimento, especialmente aqueles provenientes de nossas próprias comunidades indígenas e ancestrais. Esforçamo-nos para garantir que as pessoas com quem trabalhamos reconheçam o valor do diálogo entre as diversas formas de ver o mundo e promovam a justiça na criação e no acesso ao conhecimento.

46 Nessa perspectiva, também precisamos trabalhar com uma nova sensibilidade em relação à dimensão de gênero, superando as relações estabelecidas por um legado patriarcal. Somos convidados a inaugurar novas relações fraternas e de apoio que deem voz às mulheres. Para que essa igualdade seja real, precisamos resgatar a história das mulheres, seu conhecimento, respeitar seu trabalho, suas lutas contra as desigualdades de classe e raça, e compartilhar e valorizar suas contribuições para a construção da sociedade e de nossas comunidades.

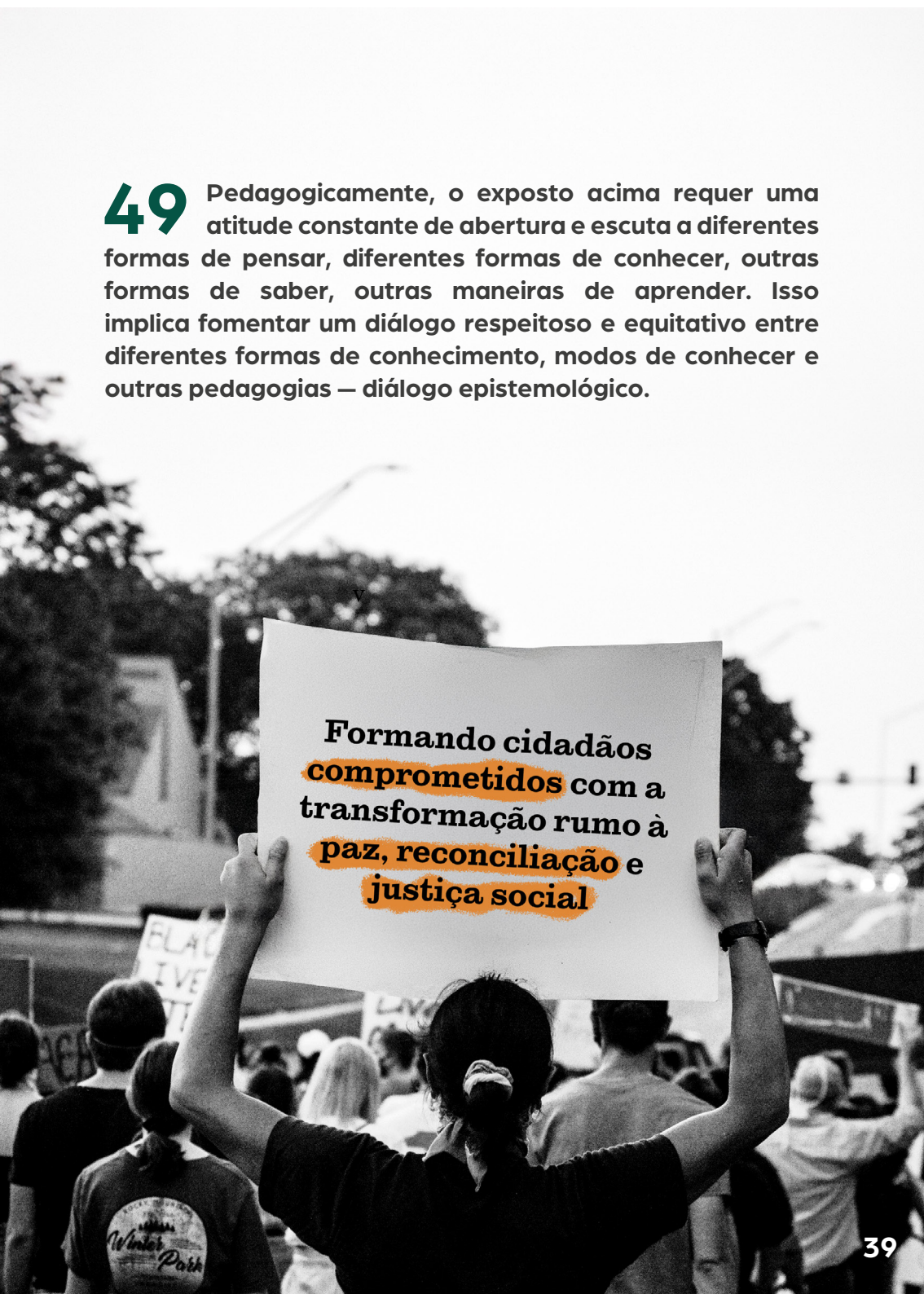


47 É necessário enfatizar as lutas das mulheres (negras, indígenas, camponesas e de bairros operários urbanos) que estão na base da pirâmide social, e a necessidade de políticas de cuidado e responsabilidade para transformar a feminização da pobreza como uma questão central. Essas lutas envolvem a interseccionalidade de raça, classe e gênero, e o reconhecimento de como essas relações produzem silenciamento, segregação e moldam a existência. Da mesma forma, é necessário reconhecer o feminismo como um conceito de grande valor para a justiça social, para nutrir e sustentar a vida, porque abre portas para a construção da igualdade de gênero em conjunto com os homens.

48 Estamos preocupados em contribuir para a formação de comunidades que pratiquem o que nossos povos indígenas propõem como a plenitude da vida, como o “bem viver” — *sumak kawsay* entre os povos andinos; *lekil kuxlehal* entre os maias; ou a “terra sem males” dos guaranis — que busca estar em paz consigo mesmo, em harmonia com outras pessoas e com todas as outras criaturas do universo, e em uma relação profunda e esperançosa com o transcendente.



49 Pedagogicamente, o exposto acima requer uma atitude constante de abertura e escuta a diferentes formas de pensar, diferentes formas de conhecer, outras formas de saber, outras maneiras de aprender. Isso implica fomentar um diálogo respeitoso e equitativo entre diferentes formas de conhecimento, modos de conhecer e outras pedagogias – diálogo epistemológico.



Formando cidadãos
comprometidos com a
transformação rumo à
paz, reconciliação e
justiça social



50 O humanismo cristão, fundamento da educação jesuíta, começa com as pessoas mais pobres e marginalizadas do mundo. Elas são vítimas da injustiça, da desigualdade e das violações dos direitos humanos; a elas foi negada a oportunidade de vivenciar uma "vida digna", uma "vida boa". **Uma educação baseada no humanismo cristão fomenta a visão de um outro mundo possível, porque uma globalização da solidariedade, da justiça e da paz é possível.**

51 Criamos processos educativos para acompanhar indivíduos e comunidades como construtores da paz. Trabalhamos para desnaturalizar a violência e fortalecer a justiça e a reconciliação. Entendemos a paz não como a ausência de violência, mas como um produto da justiça. Entendemos que ninguém pode amadurecer em seu sentido da vida, em seus valores éticos e estéticos e em sua espiritualidade se não estiver em paz consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com a transcendência.



52 A educação que propomos busca proporcionar formação para a democracia como um modo de vida; como uma forma de conviver em sociedade, transformar conflitos e alcançar acordos.

Trata-se da arte de construir a governança por aqueles que assumem a liderança e por aqueles que são cidadãos e participam da governança responsável, em um terreno onde há diversidade de interesses, visões de mundo e propostas que geram conflitos.

53 A democracia não pode ser compreendida sem o componente da interculturalidade. A democracia profunda implica interessar-se pelas opiniões dos outros e não apenas reconhecer que todos têm o direito de expressar sua opinião e votar. A democracia profunda pressupõe grande respeito pela diversidade de pensamento e culturas; na perspectiva da interculturalidade crítica, significa, sobretudo, ouvir aqueles que não se beneficiam do estado atual das coisas; essa democracia implica também estar ciente da interseccionalidade, que reconhece a sinergia perversa causada pela combinação, em pessoas e grupos específicos, de características de várias formas de marginalização. **Daí a importância de uma educação dialógica, inclusiva, diversa e capaz de reconhecer os outros como indivíduos válidos e valiosos.**





54 Por outro lado, as sociedades precisam de processos educativos simultâneos de perdão e reconciliação para construir uma democracia baseada nos direitos humanos, no desenvolvimento integral e na paz sustentável. A este respeito, o Papa Francisco nos diz: Como ensinaram os bispos da África do Sul, a verdadeira reconciliação se alcança proativamente, "formando uma nova sociedade baseada no serviço ao próximo, e não no desejo de dominar; uma sociedade baseada na partilha dos bens com os outros, e não na luta egoísta de cada um pela maior riqueza possível; (...)".



Isso só pode ser alcançado (...) através do cultivo de virtudes que fomentem a reconciliação, a solidariedade e a paz¹²



55 O desafio educativo para gerar democracia, justiça, desenvolvimento e reconciliação é, sobretudo, acompanhar a formação de construtores da paz e criar comunidades que testemunhem a paz como consequência da justiça. Esse testemunho se materializa em uma cidadania ativa e organizada que se mobiliza com propostas para exigir que o Estado desenvolva políticas sociais, econômicas, ambientais, cívicas e de reconciliação; políticas que concretizem os direitos humanos.

56 A pesquisa é de grande importância para a compreensão das causas dos problemas, para fundamentar as queixas e para propor soluções que os transformem. Referimo-nos à pesquisa tradicional realizada em universidades e centros de pesquisa, mas também à pesquisa que todas as organizações podem conduzir na forma de pesquisa-ação e pesquisa participativa nas e com as comunidades com as quais trabalham. A formação em diálogo, negociação, resolução não violenta de conflitos e mediação conciliatória é prioritária. É essencial desenvolver a consciência crítica que leve ao reconhecimento de problemas, à identificação de suas causas e à proposição de soluções; assim como desenvolver a capacidade de propor mudanças regulatórias e políticas públicas capazes de frear interesses que beneficiam apenas pequenos setores da elite dominante e de promover o bem-estar sustentável.

57 Essa educação que discutimos visa fomentar a criação de uma democracia participativa e inclusiva e a promoção e defesa dos direitos humanos com uma abordagem diferenciada com base em etnia, gênero e geração. Busca a reconciliação da sociedade com a justiça social, bem como a coexistência sustentável e o respeito entre todas as criaturas da natureza. Busca-se concretizar o direito universal à educação de qualidade, à saúde e a uma economia inclusiva. Portanto, nosso trabalho educativo incentiva a elaboração de soluções para problemas sociais e a proposição de alternativas de políticas públicas para transformar realidades como: a prática imoral da corrupção, a justiça fiscal, mercados justos e o acesso e a recuperação da terra. Tudo isso é guiado pela perspectiva oferecida pelo Evangelho.

58 A justiça social é fruto do diálogo entre toda a comunidade e do empoderamento dos setores sociais desfavorecidos, para que sua luta pelo pleno exercício de seus direitos humanos fundamentais se transforme em políticas públicas, mudanças regulatórias e transformações estruturais que combatam a acumulação excessiva e a proteção dos interesses do poder político e econômico.

Nosso trabalho de fortalecimento de suas organizações e em solidariedade às suas lutas, bem como nosso apoio ao desenvolvimento de sua capacidade crítica e proativa, são formas de avançar nesse propósito, para o qual os processos educativos desempenham um papel fundamental.

Reflexões

Finais

59 Como educadores, estamos cientes de que não podemos cumprir nosso papel se não trabalharmos ao lado de nossos alunos, paroquianos, pessoas em situação de vulnerabilidade, povos indígenas e ancestrais, e comunidades rurais excluídas, na análise crítica de realidades que se opõem ao Evangelho porque violam os direitos humanos, perpetuam injustiças, perpetraram violência e prejudicam a Mãe Terra. Da mesma forma, a sinodalidade¹³ nos encoraja a fazer um esforço coletivo para aprender a caminhar juntos como irmãos e irmãs em uma nova forma de ser comunidade, sociedade e Igreja, na qual cada pessoa é importante e precisa ser ouvida e valorizada.

60 Propomos abrir-nos à riqueza dos povos, culturas e setores que foram silenciados por séculos, fomentando uma escuta que faça justiça ao seu lugar no cenário nacional e um diálogo entre diferentes formas de saber e modos de conhecer que nos permita buscar juntos a equidade, a sustentabilidade e a paz.

61 Acreditamos que nosso trabalho deve priorizar o enfrentamento dos problemas que assolam nossas sociedades, especialmente aqueles que afetam os mais pobres e marginalizados: injustiça, violência, deterioração da nossa casa comum e desilusão com a democracia. Esses não são problemas isolados, nem se trata de escolher entre um e outro.

13. A palavra “sínodo” vem do grego e significa “caminho conjunto”; ou seja, reúne duas dimensões: uma comunitária (conjunto, comunidade) e outra dinâmica (caminho, em marcha). Quando Francisco a aplica à Igreja, quer dizer que a Igreja é uma comunidade que peregrina conjuntamente em direção ao Reino de Deus. Essa ideia não foi uma invenção de Francisco, mas recupera a tradição da Igreja primitiva, que vivia como uma comunidade de cristãos unidos em comunhão pelo Espírito e que seguiam o caminho de Jesus rumo ao Reino de Deus (ver, por exemplo, Atos dos Apóstolos 15).



62 Trata-se de fomentar o aprendizado individual para transformar consciências, mentalidades e comportamentos, e o aprendizado coletivo para construir comunidades que vivam os valores essenciais para transformar essas realidades problemáticas. É fundamental cultivar em nós, que participamos do nosso trabalho e das nossas instituições, um espírito crítico, a capacidade de indignação diante da injustiça, a coerência e o compromisso cívico com os direitos humanos. Buscamos garantir que todos com quem trabalhamos estejam comprometidos com ações que transformem a realidade. Colocamos em prática os quatro Cs propostos pela pedagogia inaciana: competência, consciência, compaixão e compromisso.

63 Nosso trabalho também educa por meio do testemunho; daí o desafio de mostrar que a transformação é possível. Em nossa comunidade, não toleramos nenhuma forma de violência, particularmente a violência de gênero. Valorizamos e respeitamos a diversidade e lutamos pela igualdade. A justiça define nossa abordagem.



JESUITAS
CONFERENCIA DE PROVINCIALES EN
AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE - CPAL



REFLEXÕES
PARA A AÇÃO
EDUCATIVA